

O TEMPLO DA CONCÓRDIA DE AGRIGENTO

Pedro Paulo Funari*
ppfunari@uol.com.br

O estudo da História e da Arqueologia do mundo antigo tem longa tradição de uso criativo da teoria social para o estudo do passado. No decorrer do século XX, essa interação acentuou-se e a pesquisa do passado não se resumiu ao único e irrepetível, mas às regularidades e constâncias, como atesta um conceito como longa-duração. No mesmo sentido, para além das tradições, buscaram-se as rupturas, o consentimento e o dissenso, a exploração e a resistência, os discursos normativos e as linhas de fuga. O contexto brasileiro também tem contribuído de forma original, tanto pelo contato com os desafios sociais, como pelas particularidades das discussões acadêmicas dispersas por outros campos de estudo, em particular focados no país. Isso tudo se pode perceber no livro de Glauce de Souza Luz, a começar pela abordagem antropológica inspirada em Marc Augé e seus conceitos de lugar. Em contraposição ao atual não-lugar, transitório e extraterritorial, aciona e estrutura o livro em torno do lugar preñado de sentidos únicos, daí seus aspectos identitários, relacionais e históricos. O estudo de caso, o Templo da Concórdia permite associar diversos aspectos, da religiosidade ao domínio, da interação étnica e cultural aos conflitos e contradições.

Já na introdução, apresenta-se o Templo da Concórdia como veículo de domínio que legitima a conquista romana por meio da Bona Fides (Boa Lealdade). A concórdia ou *homonoia*, “mesma forma de pensar”, estimulava o consenso entre grupos variados, de escravos a senhores, elite locais e conquistadores romanos. Para o estudo, determinou tanto a tradição textual, como a arqueológica, destacando a importância de relacionar ambas as categorias de fontes. Ao longo do livro, procura ser bem clara e didática, como atesta o glossário, ao final, de termos gregos, latinos, divindades, entre outros. Logo de início do primeiro capítulo, explica que Akragas foi uma *apoikia* (colônia) de outra cidade da Sicília, Gela, que havia sido colônia de Rodes e Creta. Akragas produzia vinho e azeite e sua parte urbana seguia o padrão hipodâmico, com o plano em tabuleiro. Depois de tratar dos diversos

* Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Livre-docente e Professor Titular na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

templos, o Templo da Concórdia é esmiuçado, desde sua datação original, no período democrático, entre 440-430 a.C., em estilo dórico. Sua apropriação pelos romanos demonstra o diálogo entre os locais e os romanos, a partir da recuperação romana da cidade em 210 a.C. sendo obrigada a pagar o dízimo. A relação entre romanos e agrigantinos estava calcada na *Bona Fides*, como mostrava a devolução do touro do tirano Fálaris à cidade, à época de Cipião. Passou a ser conhecida como Agrigento e continuou marcada pelas interações culturais.

O capítulo segundo trata das características identitárias de Agrigento e da relação entre nativos, helenos e romanos. A cidade romana de Agrigento formava uma síntese cultural original. Erguia-se no topo de colinas, onde estavam também os espaços religiosos. Nem sempre a violência foi a única estratégia na instalação de gregos na Sicília, assim como tampouco a coerção era a única estratégia de domínio utilizada pelos romanos. Os romanos estabeleceram uma política de alianças com os agrigentinos, em particular por meio da cooptação da elite local. Um mecanismo importante na construção identitária coletiva compartilhada em Agrigento foi a utilização pelos romanos da chamada *interpretatio*, ou interpretação de deuses estrangeiros e romanos numa associação sincrética. Esta funcionava como uma construção de novos significados para um culto local, ao negociar-se as diferenças entre as culturas. O Templo da Concórdia apropriado pelos romanos passa a constituir novos significados sociais, ao acomunar os diferentes componentes étnicos da cidade. O Templo foi conservado, sem ser destruído como outros, pelo fato de ter sido consagrado como basílica dos Santos Pedro e Paulo, desde o século VI d.C. A forte vocação comercial da cidade pode ser constatada pelo comércio marítimo, seus vestígios e o culto aos Dióscuros. Com a chegada romana, o Templo da Concórdia aprofundou-se como espaço de diálogo com o outro, ao construir elos de identidade, diálogo e alianças, ao menos nas elites.

O terceiro capítulo centra nas relações, ao tomar o Templo da Concórdia como manifestação do consenso para a paz (*Pax Deorum* paz dos deuses). A prática correta do ritual, tão importante para o mundo greco, latino e romano, com ressonâncias na posteridade cristã católica e ortodoxa, favorecia a *pax deorum*, a aliança tácita com as forças superiores, em uma relação contratual. Mais que fé, importava a forma, o rito, a maneira, como implicações formais, jurídicas e recíprocas. O templo era um espaço religioso consagrado, propriedade dos deuses, operado por magistrados no culto público e cívico. O Templo da Concórdia situava-se como construção material e simbólica do domínio cívico romano na cidade de Agrigento.

Sendo Concórdia um conceito e divindade romanos, “com o mesmo coração”, traduzia bem o conceito grego de *homonoia*, “com o mesmo pensamento”. O Templo da Concórdia estava assentado na *agorá* (fórum ou mercado) inferior, relacionando espaço religioso e cívico. Na conclusão, ressalta-se que o templo, como lugar antropológico simboliza os constituintes da identidade partilhada. Era também um ponto de intersecção das vias que o cruzam, um ponto de encontro, ao estar no coração mesmo da cidade. Ao final, enfatiza que os romanos construíram novos significados sociais e uma nova identidade compartilhada, sob um mesmo espírito.

O convívio no mundo antigo, como em outras épocas e circunstâncias, foi variado e composto de uma multiplicidade de fatores e características. Em sociedades de classe, imperiais, não há como deixar de lado as contradições e conflitos. Como mostra este volume, a construção de consensos, de concórdia, para usar o nome do Templo em estudo, passa por alianças e negociações, entre as elites, em primeiro lugar, mas também como campo de oportunidades para incremento social de elementos subalternos. Em primeiro lugar, as alianças e negociações davam-se entre as elites locais e os dominadores. A localização do Templo da Concórdia mostra bem isso, ao ligar simbologia de aliança e poder político local. Também, não se pode subestimar os mecanismos de inserção de subalternos ascendentes, em um contexto de paz romana e de auge comercial. O livro de Glauce de Souza Luz faz-nos pensar sobre as contradições sociais, em meio às tentativas de imposição da ordem e do consenso de cima para baixo. Não se pode deixar de admirar esta obra, testemunho de como um estudo de caso pode abrir perspectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUZ, Glauce de Souza. *O Templo da Concórdia de Agrigento: sua constituição como lugar antropológico (séculos II-I a.C.)*. São Paulo: Dialética, 2022. 136 p. ISBN 9786525251769.